

TURISMO E INFÂNCIA: CONTRIBUIÇÕES TRANSDISCIPLINARES

Angela Fileno¹ e Elizabete Sayuri Kushano²

RESUMO

A polissemia da palavra “infância”, associada à complexidade do fenômeno turístico, pressupõe que o tema “Turismo e Infância” seja estudado de uma forma ampla e transdisciplinar. O presente trabalho tem o propósito de analisar, tomando esse tema como objeto, as possíveis transdisciplinaridades existentes em 12 artigos científicos que o abordam e foram selecionados na plataforma “Publicações de Turismo” a partir de buscas por determinadas palavras-chaves. Este texto examina esses artigos para compreender seus enfoques, especialmente quanto à fundamentação teórica. Os resultados apontaram que alguns artigos, embora façam menção à criança e à infância, não aprofundam o entendimento sobre o tema. No entanto, há autores que utilizam a Sociologia da Infância e a Geografia da Infância para balizar suas pesquisas. Uma parte das produções acadêmicas analisadas trata dos aspectos mercadológicos do turismo infantil, ressaltando seus benefícios econômicos e o papel decisório das crianças na escolha do destino e/ou atrativo turístico. São poucas as publicações que problematizam as questões éticas ligadas ao estímulo do consumo infantil e seus impactos no brincar e nas culturas das infâncias, no contexto do Turismo. Embora muitos dos artigos analisados não apresentem a compreensão dos autores sobre crianças e infâncias, há de se notar um fator positivo nos estudos que dão visibilidade aos turistas e às comunidades locais mirins.

Palavras-chave: Crianças. Turismo infantil. Artigos científicos de turismo.

-
- 1 Doutora em História pela Universidade de São Paulo (USP), graduada em História pela USP, graduada em Turismo pelo Centro Universitário Unibero e coordenadora do Núcleo de Acervo do Instituto Çarê (SP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7982-1770>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5520392733538306>.
 - 2 Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Graduada em Turismo pela UFPR. Pesquisadora em estágio pós-doutoral no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora Associada da UFPR, Setor Litoral. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3076-3514>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0012178721094020>.

ABSTRACT

The polysemy of the term “Childhood”, combined to the complexity of the tourism phenomenon, suggests that the topic “Tourism and Childhood” should be studied in a broad and transdisciplinary manner. This study aims to analyze, focusing on this topic as its main subject, the potential transdisciplinary approaches present in 12 scientific articles that address this theme and were selected from the platform “Tourism Publications” through the search for certain keywords. This text examines these articles to understand their focuses, particularly regarding their theoretical foundation. The results showed that some articles, although mentioning children and childhood, do not deepen their understanding on the theme. However, there are authors that use Child Sociology and Child Geography to mark their researches out. Part of the analyzed academic work addresses the merchandise aspects of child tourism, highlighting its economical benefits and the decision-making role of children in choosing a tourism destination and/or attraction. Academic work that discuss the ethical issues connected to fostering child consumption and its impacts on playing and on childhood cultures, in the Tourism context, are few. Even though many of the analyzed articles do not present the comprehension of the authors on children and childhoods, it is worth mentioning a positive factor in the studies that highlight tourists and local child communities.

Keywords: Children. Children’s tourism. Scientific tourism articles.

INTRODUÇÃO

O turismo tem sido considerado um importante vetor de desenvolvimento econômico, social, cultural, político – e, quando gerido de forma sustentável, ecológico. Considerando as altas movimentações, ao redor do mundo, daqueles que se intitulam turistas, pode-se dizer que a força do fenômeno turístico é inegável.

Na prática da atividade turística, diversos segmentos são acionados para a conformação do produto turístico. Na academia, também, estuda-se o Turismo sob o prisma de diferentes ciências, que, em diálogo, colaboram não só para a compreensão do mencionado fenômeno, como também para as práticas de planejamento e de gestão da atividade turística.

O diálogo interdisciplinar e transdisciplinar faz-se desejável para que profissionais e pesquisadores possam olhar o Turismo de maneira integrada – e visando, sobretudo, sua sustentabilidade e seu enfoque humano. A transdisciplinaridade, conforme versa Isac Nikos Iribarry (2003), visa

promover trocas entre diferentes áreas do conhecimento e seus dispositivos. Tais trocas servem como ensejo para uma situação de cooperação entre essas diferentes áreas; ou seja, transdisciplinaridade é diálogo e cooperação entre campos do conhecimento.

Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo analisar as possíveis transdisciplinaridades existentes em 12 artigos científicos selecionados por meio da plataforma “Publicações de Turismo”, tomando “Turismo e Infância” como tema.

A estrutura deste artigo é composta por esta Introdução ao tema, seguida da Fundamentação Teórica, em que são destacadas a Sociologia da Infância, a História das Famílias e das Crianças, a Geografia da Infância e a Antropologia da Infância. Depois, apresenta-se a Metodologia utilizada para a seleção dos 12 artigos analisados; e, então, o trabalho trata dos Resultados e da Análise da pesquisa, encerrando com as Considerações finais.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Em que pese que, em vários cenários, as crianças e suas infâncias sejam ainda negligenciadas, diversas ciências têm se debruçado no estudo desse tema. Talvez associemos, com mais frequência, esses trabalhos à Educação e à Pedagogia; no entanto, outras ciências, dentre as quais estão a Sociologia da Infância, a História das Famílias e das Crianças, a Geografia da Infância e a Antropologia da Infância – que são o foco deste subtítulo –, já demonstraram a importância que o mencionado tema tem para elas, conforme será explicado a seguir.

Em relação à Sociologia da Infância, Manuel Jacinto Sarmiento (2013a, p. 18) salienta que “[...] há razões epistemológicas para que a sociologia da infância tenha assumido um papel determinante na gênese dos Estudos da Criança”, visto que, durante muitas décadas, a psicologia do desenvolvimento constituiu a disciplina central na abordagem da infância. Ainda segundo o autor, as próprias ciências da educação – enquanto campo interdisciplinar de estudo e formação pedagógica –, constituíram-se em torno da ideia de que o ensino deve se adequar às etapas de desenvolvimento e aos processos genéticos da epistemologia da infância, fazendo isso em conformidade com a identificação e proposição desses processos, realizadas por Jean Piaget (1896-1980) e por sua equipe de investigadores da Universidade de Genebra, na Suíça (Sarmiento, 2013a).

A Sociologia da Infância assume um papel determinante nos novos “Estudos da Criança”, uma vez que “[...] sinaliza o(s) lugar(es) social(is) da criança e enuncia uma orientação epistemológica distinta face ao conhecimento pericial hegemônico durante décadas” (Sarmiento, 2013a, p. 20). A

Sociologia da Infância, mesmo assim, não totaliza os Estudos da Criança e não constitui uma nova teoria substitutiva da psicologia do desenvolvimento de inspiração piagetiana (Sarmiento, 2013a). É uma disciplina científica, filiada à Sociologia, que objetiva conhecer a infância como categoria social, e as crianças, enquanto membros da sociedade, atores sociais e agentes de cultura (Sarmiento, 2013a). Ademais, os estudos na Sociologia da Infância apontam para a “construção de um saber não adultocêntrico e não etnocêntrico acerca das crianças” (Sarmiento, 2013b, informação verbal).

Se a Sociologia da Infância contribuiu para o entendimento de que as infâncias são múltiplas – em função da sociedade em que estão inseridas e a partir da qual produzem cultura –, os estudos no campo da História das Famílias e das Crianças permitiram a percepção de que essas diferentes infâncias constituem categorias historicamente formuladas. Historiadores europeus, como Philippe Ariès (1981) e Colin Heywood (2004), o norte-americano Neil Postman (1999) e brasileiros, como Mary Del Priori (2000) e Moysés Kuhlmann Júnior (2004), examinam, com alguns dissensos entre si, as maneiras pelas quais a condição infantil foi exercida pelas crianças ocidentais desde a Idade Média até tempos mais recentes.

Ao procurar distinguir a infância da idade adulta, Postman (1999) recorre à origem latina da palavra: *infantia*, cujo significado carregava o sentido de negação. Essa era a etapa da vida daquele que não fala, não se expressa e, portanto, não é ouvido. Nesse sentido, “não ter o domínio da linguagem, em especial da linguagem oral, era sinônimo de não possuir pensamento, conhecimento ou até mesmo de não ser racional. Ou seja, a criança era vista como um sujeito menor, alguém que precisava ser moralizada, preparada para se manifestar apenas quando adulta” (Godoy; Carvalho, 2022).

De fato, a criança é um ser sociocultural e histórico; “[...], contudo também é geográfico, assim como é geográfico seu processo de humanização, seu ser e estar no mundo” (Lopes, 2013). Nesse sentido, a Geografia da Infância não tem o intuito de trazer mais uma divisão no campo temático da ciência geográfica, mas, sim, demonstrar as contribuições da Geografia para os estudos da infância (como já o fazem algumas áreas de conhecimento, como a Sociologia da Infância, a Antropologia da Infância e outras), buscando compreender as crianças como “[...] agentes produtores do espaço que gestam [...]” (Lopes, 2008, p. 68), agentes esses que “[...] dão significados às suas espacialidades, construindo lugares, territórios e paisagens” (Lopes, 2008, p. 68).

Para os estudiosos da Geografia da Infância, a infância é o lugar que cada grupo social destina para suas crianças; um lugar concebido em todas as suas dimensões, com toda a rede simbólica que o envolve. Buscar,

assim, compreender quais os lugares ocupados nesse processo de interação da criança com os demais sujeitos de seus entornos é um dos objetivos da Geografia da Infância (Lopes; Vasconcelos, 2006). Para Jader Janer Moreira Lopes (2013, p. 289), os estudos da Geografia da Infância emergem com interfaces em variados postulados, “por onde se entrecruzam recortes, como o de gênero, o de idade e condição econômica [...]”, que fazem com que se pense em “[...] como meninos e meninas, de diferentes idades e pertencentes a diferentes estratos sociais concebem, percebem e representam seus espaços” (Lopes, 2013, p. 289).

Afinada ao propósito da Geografia da Infância de entender como as crianças produzem e atribuem significado ao seu território, a Antropologia da Criança procura compreender os fenômenos humanos em seus contextos sociais e culturais a partir do olhar da própria criança. As décadas de 1920 e 1930 assinalam os primeiros estudos de Margaret Mead (1928; 1935) acerca do significado de ser criança em realidades culturais distintas. Àquela altura, a Antropologia como um todo estava interessada em distinguir os fenômenos culturais daqueles considerados fenômenos universais do comportamento humano.

Segundo Clarice Cohn (2005, p. 11-21), as pesquisas de Mead deram visibilidade ao campo de estudos da Antropologia da Criança. Até aquele momento, a criança era vista como um ser incompleto – e, portanto, não era considerada como sujeito de interesse da Antropologia. Ainda de acordo com Cohn, a revisão dessa perspectiva permitiu a atualização desse entendimento, o que resultou em três formas de compreensão sobre as maneiras pelas quais se vê a criança; a saber: 1. como agente em seu meio social; 2. como produtora de cultura e 3. definida a partir do que a sociedade estabelece como ser criança. Atualmente, os estudos acerca da infância e das crianças têm se tornado tema de diversos campos do conhecimento. Além das áreas já citadas anteriormente (Pedagogia e Psicologia) e das já analisadas neste artigo (Sociologia, História, Geografia e Antropologia), o Direito e o Turismo são alguns outros exemplos de campos de conhecimento cujos pesquisadores vêm se dedicando à infância, tendo como ponto de partida seu arcabouço conceitual próprio.

Este artigo tratará, a partir de agora, especificamente das contribuições transdisciplinares entre o Turismo e a infância; para isso, apresenta um mapeamento dos possíveis diálogos estabelecidos, em 12 artigos científicos, entre o Turismo e a infância. A seguir, comentaremos em quais balizas metodológicas apoiamos esse estudo.

METODOLOGIA

O referido mapeamento baseia-se nos artigos científicos indexados na plataforma “Publicações de Turismo”, publicados entre os anos de 2005 e 2023. A opção por esse recorte temporal mais alargado foi feita com o propósito de buscar compreender as transformações interpretativas ocorridas na relação entre Turismo e infância ao longo de quase duas décadas.

A plataforma pesquisada constitui uma base de dados criada como um projeto de extensão do Programa de Pós-graduação em Turismo da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP) e reúne 17.634 artigos científicos produzidos por pesquisadores que atuam nos campos do Turismo e do Lazer. Embora exista, nessa base de dados, uma prevalência numérica de artigos publicados no Brasil, consideramos importante sublinhar as contribuições de países de latino-americanos e ibéricos, tais como: Espanha, Portugal, México, Colômbia, Chile, Argentina e Peru.

Esse estudo caracteriza-se como bibliográfico de abordagem qualitativa, uma vez que propõe a seleção e a análise dos artigos científicos da plataforma a partir de dois critérios fundamentais: a existência de uma interface explícita entre turismo e infância; e a multiplicidade de temas presentes nas pesquisas publicadas ao longo do recorte temporal estabelecido.

RESULTADOS E ANÁLISE

Inicialmente, ao fazermos uma busca com a palavra-chave “infância”, entre os 54 periódicos indexados na base de dados “Publicações de Turismo”, tivemos como resultado 12 artigos. Numa segunda busca por artigos que carregavam a palavra “infância” em seu título, encontramos 16 artigos. Também foram buscadas as palavras-chaves “chicos”, “chicas”, “niños” e “ninãs”, porém, não obtivemos resultados.

Procurando ampliar os resultados da pesquisa, buscamos pela palavra-chave “crianças” e obtivemos 125 resultados, dentre os quais apenas 17 artigos tinham relação direta com o Turismo. Isso decorre do fato de que diversos dos 125 artigos resultantes da busca foram publicados na Revista Licere, cujo conteúdo, muitas vezes, está vinculado à escolarização, à saúde e à inclusão de portadores de necessidades especiais; ou seja, são artigos que tratam da infância a partir de outras perspectivas, que não a de sua relação com o Turismo.

Dentre essas 17 publicações que relacionam Turismo e crianças, 10 delas tinham como tema a exploração sexual infantil. A predominância dessa temática nos estudos que contemplam os temas “Turismo” e “infância” é um dos tópicos de análise deste artigo.

Nesse sentido, selecionamos 12 artigos que constituem o escopo de análise do estudo. A escolha dos artigos, abaixo relacionados, foi orientada no sentido de abarcar a diversidade de abordagens temáticas relacionadas ao Turismo e à Infância.

QUADRO 1: DESCRIÇÃO DOS ARTIGOS SELECIONADOS E SUAS CORRELATAS ÁREAS DE CONCENTRAÇÃO

ARTIGOS SELECIONADOS	ÁREA DE CONCENTRAÇÃO
CAMPOS, I. R.; OCHOA, H. R. Turismo social en Barcelona: ¿mecanismo de inclusión de la infancia? <i>ARA: Revista de Investigación en Turismo</i> , Barcelona, v. 11, n. 1, p. 1-15, 2021.	Sociologia e Turismo Social.
CAMPOS, N. Turismo, ética e responsabilidade social com crianças e adolescentes. <i>Cenário</i> , Brasília, v. 1, n. 1, p. 46-55, dez. 2013.	Turismo e Políticas Públicas.
CARNEIRO, M. M. C.; VELOSO, A. R.; FERRAZ, S. B.; CAMPOMAR, M. C. Os atributos valorizados por crianças e adolescentes na escolha de destinos turísticos. <i>Turismo: Visão e Ação</i> , Ijtaí, v. 17, n. 2, p. 475-507, mai./ago. 2015.	Administração e Marketing.
CERIBELI, H. B.; CAMPOS, A. A. Produtos e serviços turísticos para as crianças ofertados nos hotéis de Ouro Preto – MG. <i>Revista de Turismo Contemporâneo</i> (RTC), Natal, v. 6, n. 2, p. 232-250, jul./dez. 2018.	Economia, Turismo e Turismo para crianças.
DUARTE, R; BÍSCARO, V. R.; PRAIA JUNIOR, J. A. R.; SANTOS, G. E. O. Consumo turístico de famílias brasileiras com crianças e idosos. <i>Cenário: Revista Interdisciplinar em Turismo e Território</i> , Brasília, v. 11, n. 2, p. 43-60, fev. 2024.	Economia, Geografia demográfica e Estatística.
FAZOLIN, M. A. F. de G.; MERCADANTE, L. A.; GRANDO, R.G. Fomentando a educação não formal no lazer e recreação em hotéis. <i>LICERE</i> , Belo Horizonte, v. 18, n. 4, dez. 2015.	Educação e Lazer.
GONZÁLEZ, L.A.A. La Explotación Sexual Comercial Infantil (ESCI) en el Turismo. Análisis del turismo sexual internacional que afecta a la niñez. <i>PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural</i> , Islas Canarias, v. 3, n.1, p. 207-210, 2005.	Turismo e Políticas Públicas.
KUSHANO, E. S. A importância do brincar e do turismo na infância: um olhar para a Brinquedoteca Keka & Companhia, Itabuna, Bahia. <i>Caderno Virtual de Turismo</i> , Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p. 35-45, 2007.	Turismo e Lazer.

KUSHANO, E. S. Turismo Infantil: uma proposta conceitual. <i>Turismo & Sociedade</i> , Curitiba, v. 6, n. 1, p. 124-146, jan. 2013.	Sociologia da Infância; História das Famílias e das Crianças; e Turismo infantil.
MONTEERRUBIO, C.J.C.; GARCÍA, M. Percepciones de la comunidad local infantil en Huatulco, México. Un acercamiento al estudio del cambio sociocultural asociado al turismo. <i>El Periplo Sustentable</i> . n. 20, p. 149-185, 2011.	Sociologia.
PIOLA, F. G.; ANDRADE, D. C. G.; KUSHANO, E. S. Etnografia e Turismo: um estudo das percepções e sentimentos de crianças residentes na Ilha do Mel – PR. <i>Applied Tourism</i> , v. 3, n. 2, p. 1-35, 2018.	Turismo infantil e Antropologia (etnografia).
ROCHA, M. C. V. da; BEZERRA, F. E. O., A.; FRAGOSO, P. A. D.; DUARTE, A. L. F. Memórias afetivas na infância e seu impacto na formação do turista. <i>Revista Eletrônica de Administração e Turismo (ReAT)</i> , v. 16, n. 2, p. 38-60, jul./dez. 2022.	Turismo e História (memória).

Fonte: As autoras (2025)

Neste momento, começaremos as análises desses artigos, mas não na ordem em que aparecem na tabela acima, que é alfabética.

Publicado em 2013, o artigo **“Turismo Infantil: uma proposta conceitual”** (Kushano, 2013) propõe um conceito de turismo infantil mais alargado, com balizas definidoras que vão além dos limites etários. Tomando como ponto de partida a ideia de um turismo para todos, a autora realiza uma revisão bibliográfica entre escritos de historiadores e sociólogos da infância (Ariès, 1981; Del Priore, 2000; Prout, 2005; entre outros), com o propósito de demonstrar que a ideia da infância é socialmente e historicamente construída.

O texto está dividido em três momentos: 1. a importância da atividade turística para as crianças; 2. a importância das crianças para o turismo e 3. as atividades relacionadas ao turismo para crianças. Ao tratar das contribuições do turismo para o desenvolvimento infantil, a autora discute as formas pelas quais o turismo para crianças constitui um promissor segmento de mercado. O texto também apresenta, como as principais atividades relacionadas ao turismo para crianças, os acampamentos de férias, os acantonamentos, os hotéis de lazer, os *resorts*, os parques temáticos e o turismo pedagógico.

Constatando que, no ano da publicação do artigo (2013), as pesquisas acerca do turismo infantil ainda eram bastante incipientes, a autora explica sua intenção ao elaborar tal trabalho. Ela informa que, mesmo diante desse cenário de escassez de pesquisas, seu objetivo era apresentar uma proposta conceitual que sublinhasse as seguintes necessidades, pensando

em turismo infantil: as crianças sempre viajarem acompanhadas de responsáveis; elas sempre estarem, nos estabelecimentos visitados, sob supervisão profissional; e produtos, serviços e estruturas ligados ao turismo infantil serem sempre adaptados no sentido de atenderem a critérios de segurança e qualidade.

Para além desses aspectos, a definição mais ampliada de turismo infantil proposta pelo artigo contempla o entendimento de que tal turismo proporciona, às crianças, o contato com novas paisagens, o desenvolvimento pessoal, a diversão e o aprendizado intercultural. Entre os 12 artigos selecionados, apenas esse se dedica ao desenvolvimento de uma definição de turismo infantil, que é campo de estudo e segmento de mercado. Importante mencionar que, em contraposição a essa abordagem, que possui caráter mais acadêmico, surgiram, em nossa pesquisa, alguns outros estudos cuja ênfase mercadológica é mais evidente – eles serão analisados mais adiante neste artigo, em momento oportuno.

No texto **“Produtos e serviços turísticos para as crianças ofertados nos hotéis de Ouro Preto – MG”** (Ceribeli; Campos, 2018), os autores apresentam um levantamento da oferta de produtos e serviços direcionados, ao público infantil, por cinco hotéis da cidade de Ouro Preto (MG). Resumidamente, eles buscavam constatar se tais estruturas (escolhidas porque eram as que forneciam mais informações sobre produtos e serviços voltados ao público infantil) atendiam àquilo de que as crianças precisam – e por que esperam, em conjunto com suas famílias – quando ficam hospedadas em hotéis.

Para ilustrar o turismo para crianças, o artigo cita autores do Turismo que pesquisam esse tema, como Kushano (2007; 2008; 2013). Alguns autores internacionais (tais como Steven Rhoden, Philippa Hunter-Jones e Amanda Miller (2016) e Darina Jelínková, Zuzana^c Tučková e Zuzana Jurigová (2017)) são mencionados, e o artigo mostra que eles identificaram, no que diz respeito aos hotéis, as necessidades e preferências das famílias que viajam com crianças – linha semelhante à que foi descrita no artigo de Kushano (2013), o primeiro analisado. Todos esses autores enfatizam a importância do turismo para crianças e do turismo familiar.

Por meio do levantamento feito pelos autores, conforme consta no artigo, constatou-se, dentre outros aspectos, que nenhum dos hotéis analisados tem, em seu quadro de funcionários, profissionais especializados no atendimento de crianças; nenhum tem quartos adaptados para o público infantil; e a maioria não tem *playground* ou brinquedoteca.

Nesse sentido, os autores do artigo ponderam, em sua conclusão, que as crianças têm demandas particulares devido às suas necessidades e expectativas; ao não terem essas demandas atendidas, elas acabam, muitas

vezes, sendo desprezadas no setor hoteleiro – ainda que, dentre os principais públicos que buscam destinos turísticos nacionais, destaquem-se as famílias. Com base nisso e nos resultados obtidos por meio do levantamento descrito, o artigo conclui que existe uma lacuna substancial entre a estrutura hoteleira de Ouro Preto (MG) e os produtos e serviços turísticos voltados para as crianças nessa cidade. Além disso, os autores sugerem que pesquisas futuras mapeiem as condições das hospedagens de outras cidades históricas brasileiras, com o intuito de verificar se a lacuna percebida em Ouro Preto (MG) também se estende a outros locais.

O artigo **“Fomentando a educação não formal no lazer e recreação em hotéis”** (Fazolin; Mercadante; Grando, 2015). aborda, como o próprio título diz, a educação não formal nos âmbitos do lazer e da recreação na hotelaria; utiliza, para tanto, autores da década de 1970, como o francês Joffre Dumazedier e o brasileiro Renato Requixa. Especificamente em relação à dimensão do lazer, ela é embasada por autores nacionais, como Nelson Carvalho Marcellino e Luiz Octávio de Lima Camargo.

Para fazer essa abordagem, os autores realizaram uma pesquisa de campo com hóspedes e profissionais da área hoteleira –, buscando investigar se e como as atividades de lazer e recreação contribuem para a formação integral de crianças entre 6 e 14 anos. Essa análise considerou quatro categorias: 1. cultura corporal do movimento; 2. jogo simbólico e ação cognitiva; 3. a competição como sociabilização e 4. educação não formal e potencial motor. A conclusão foi de que existe, sim, um processo de aprendizagem durante as atividades de lazer programadas pelos hotéis analisados.

Em que pese esse ser um estudo que aborda Turismo e infância, ele desconsidera as categorias dos meios de hospedagem, bem como sua relação sistêmica com o mercado turístico. Além disso, apenas livros foram utilizados como referência; artigos científicos que tratassem sobre o tema não foram citados no trabalho. Mesmo assim, é um artigo que faz uma importante abordagem interdisciplinar, enaltecendo Educação, Lazer e Hotelaria com enfoque no público infantil.

O artigo **“Consumo turístico de famílias brasileiras com crianças e idosos”** (Duarte; Bísaro; Praia Junior; Santos, 2024) propôs-se a analisar o consumo turístico de dois grupos familiares: aqueles que incluem crianças (menores de 18 anos) e aqueles que incluem idosos (a partir de 60 anos). O referencial teórico e a metodologia desse trabalho dialogam com as áreas da Economia, da Geografia Populacional e da Estatística.

Cabe mencionar que, ao colocar 18 anos como referência de idade para definir o que se considera uma criança, o artigo seguiu os parâmetros da Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) 2017-2018, do Instituto

Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – e diferiu do que dispõe o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (Lei nº 8.069/1990), em que criança é o indivíduo de até 12 anos de idade incompletos.

Os resultados obtidos nessa análise demonstraram, entre outros pontos, que a idade exerce efeito sobre o consumo de viagens das famílias brasileiras. Destacamos as conclusões de que, no caso de a família ter criança(s), a despesa turística aumenta à medida que a(s) criança(s) envelhece(m); e de que tais despesas dependem também do gênero do chefe das famílias: aquelas chefiadas por homens apresentam maior despesa turística em comparação às chefiadas por mulheres (sendo que isso também é impactado pelo envelhecimento da(s) criança(s), conforme falado).

Para os autores, compreender o efeito da idade no consumo turístico possibilita a elaboração de estratégias que podem beneficiar tanto a gestão do Turismo, como a identificação do perfil do turista e sua posterior segmentação, auxiliando gestores e empresários a identificar de nichos de mercado ainda pouco explorados.

O artigo **“Turismo social en Barcelona: ¿mecanismo de inclusión de la infancia?”** (Campos; Ochoa, 2021) tece uma crítica sobre o rótulo de Turismo Social, mencionando que são escassos, em Barcelona, os projetos que genuinamente contemplam esse conceito. Nesse sentido, para os autores, o Turismo Social genuíno, para além de contribuir com um Turismo mais acessível em termos financeiros, é aquele que visa beneficiar as comunidades que habitam o destino de determinada viagem e que, assim, ajuda a promover uma reinterpretação do setor turístico e o torna mais uma ferramenta para lutar contra a exclusão social.

Ademais, os autores observaram, a partir da pesquisa bibliográfica e de entrevistas, que Barcelona é uma cidade que tem potencial para abraçar os valores do Turismo Social, com algumas propostas já implementadas. No entanto, eles argumentam que essa atividade não pode ser concebida de forma isolada. É necessário, na visão dos autores, que haja uma mudança de concepção no setor turístico, mudança essa que agregue mais ferramentas que facilitem a implementação dos princípios do Turismo Social e o controle das propostas regidas por esses princípios.

Os autores finalizam o artigo ressaltando que, ao longo de sua investigação, perceberam uma falta de compromisso do Turismo em relação a ações dirigidas a grupos de menores em risco de exclusão social, argumentando que esses menores devem ser levados em consideração na tomada de decisões de uma forma geral – já que são os adultos responsáveis por tais decisões que devem garantir que os direitos desses menores sejam respeitados e que eles não sejam relegados à própria sorte.

Para a elaboração do artigo **“Os atributos valorizados por crianças e adolescentes na escolha de destinos turísticos”** (Carneiro; Velloso; Ferraz; Campomar, 2015), que trata do tema que é referenciado em seu título, foi realizada uma pesquisa com 28 respondentes, que se distribuem entre crianças de 10 e 11 anos e adolescentes de 14 anos; todos os respondentes estudam em uma mesma escola.

Destacamos, a seguir, alguns dos resultados obtidos junto ao grupo das crianças. A principal fonte de motivação para viajar é a família; seja para visitar parentes ou para ir a um aniversário, ou mesmo como prêmio por bom comportamento, a viagem funciona como um momento em que a criança irá conviver de forma mais próxima com seus familiares. A família incluída nas viagens corresponde, normalmente, a pais, irmãos, tios, padrinhos e primos. Com relação aos destinos preferidos, as crianças preferem ir para locais onde possam estar na piscina ou na praia; assim, identificou-se que, com elas, o apelo da água é muito grande. Além disso, as crianças demonstraram desejar que exista alguma infraestrutura com acesso a *videogames* e jogos. Por fim, destacamos que a pesquisa percebeu que, em relação a destinos nacionais e internacionais, as crianças se dividem: há aquelas que querem conhecer o Brasil, e aquelas que querem conhecer outros países.

De uma forma geral, considerando agora tanto crianças como adolescentes, o artigo constatou que as atividades que eles pretendem realizar em suas viagens envolvem, basicamente, uma série de oportunidades de interação com amigos e familiares, além de visitas a locais onde podem ser realizadas diversas atividades. Dentre essas várias atividades, eles se sentem atraídos por aquelas que são propostas em parques de diversão, já que esses locais possibilitam também a realização de atividades junto de outras crianças e outros adolescentes, bem como a experiência de vivenciar emoções em diversos brinquedos.

A análise dos autores em relação aos resultados da pesquisa foi direcionada para sugerir, no âmbito do Marketing, novas pesquisas e ações. Porém, salientamos que há de se pensar, também, nas questões de um consumo ético e consciente, principalmente em se tratando das crianças.

O artigo **“Percepciones de la comunidad local infantil en Huatulco, México. Un acercamiento al estudio del cambio sociocultural asociado al turismo”** (Monterrubio; García, 2011) apresenta os resultados de uma pesquisa exploratória que objetivou identificar as percepções da população infantil sobre o turismo e as mudanças que ele gerou em sua comunidade, em Huatulco, Oaxaca, México. O destino em questão é de sol e praia.

Os autores justificam a importância da pesquisa por meio da ponderação de que as crianças residentes na comunidade representam a futura população adulta de lá – e, em seu tempo, serão as tomadoras de decisão de seu ambiente.

A pesquisa foi realizada sob perspectiva qualitativa, a partir de entrevistas, que foram complementadas com propostas envolvendo desenhos feitos pelas crianças.

Os autores destacaram seus entendimentos de que, em Huatulco, muitas crianças e suas famílias dependem economicamente do turismo. Considerando isso, eles observaram que as crianças têm uma relação materialista com o turismo, que é, por elas, muitas vezes associado somente a dinheiro. Isso sugere, na visão dos autores, que o materialismo se posiciona como um elemento importante nos valores e na visão de mundo das crianças. Ainda assim, eles perceberam que as crianças mantêm e expressam percepções favoráveis e desfavoráveis em relação ao turismo e aos turistas; e que reconhecem seu papel como anfitriãs.

O artigo concluiu que é preciso identificar e analisar as percepções das crianças sobre o turismo, uma vez que são elementos importantes na construção de suas identidades individuais e coletivas e nas representações daquilo que o turismo significa para o público infantil. Nesse sentido, os autores concluem também que as percepções das crianças sobre esse campo devem ser incorporadas a processos tanto de concepção e implementação de políticas públicas, quanto de gestão dos impactos do turismo.

Outro artigo que também foi feito com base em um estudo realizado apenas com crianças e que utiliza, para além de entrevistas, a técnica de desenhos, é **“Etnografia e Turismo: um estudo das percepções e sentimentos de crianças residentes na Ilha do Mel – PR”** (Piola; Andrade; Kushano, 2018), publicado em 2018 e cujo assunto está no próprio título.

A abordagem etnográfica orientou a aplicação e a interpretação dos dados recolhidos durante o trabalho de campo, realizado com alunos do 5º ano do Ensino Fundamental I, da Escola Municipal do Campo Nova Brasília, localizada na Ilha do Mel (PR). A opção por tal abordagem veio na esteira de um amadurecimento, do ponto de vista do diálogo metodológico com a Etnografia, dos estudos existentes sobre o turismo infantil e de uma ampliação, no Brasil, no número de interessados nesse campo.

Além disso, o emprego da etnografia como metodologia de pesquisa conferiria, segundo os autores, visibilidade às percepções e sentimentos infantis, nem sempre considerados em uma sociedade adultocêntrica; há, nesse ponto, uma crítica à forma como as percepções das crianças são

consideradas nos estudos do Turismo. Considerando tudo isso, a proposta do estudo era compreender quais seriam as influências do turismo no cotidiano das crianças residentes na Ilha do Mel (PR).

Após uma caracterização geográfica da Ilha, o artigo analisou as respostas oferecidas pelos pesquisados, que se concentraram em três aspectos: 1. a percepção de que as crianças reconhecem quais são os atrativos turísticos consolidados em seu território; 2. o entendimento de que o turismo exige deslocamento e 3. a crítica ao impacto ambiental provocado pelo turismo.

Ao final, a pesquisa expôs como as crianças, embora muitas vezes sejam excluídas das discussões acerca do turismo em seu território, demonstram ter uma consciência bastante clara de “seus contextos sociais, políticos e ambientais” (Piola; Andrade; Kushano, 2018).

Alinhadamente às pesquisas feitas com base no contato direto com o público infantil, o estudo de caso **“A importância do brincar e do turismo na infância: um olhar para a Brinquedoteca Keka & Companhia, Itabuna, Bahia”** (Kushano, 2018) analisa as possibilidades da brinquedoteca citada oferecer uma interface com o turismo infantil.

Tomando como ponto de partida a ideia do protagonismo infantil na produção cultural, a pesquisa toca no tema da problemática do consumo que transforma o brinquedo em mercadoria, esvaziando o conteúdo simbólico e de aprendizado presente no ato de brincar. Nesse sentido, as brinquedotecas atuariam na contramão desse processo, se constituindo como lugares adequados para o desenvolvimento do brincar e da produção cultural de crianças.

A partir de uma análise dos referenciais teóricos publicados sobre o tema, de visitas técnicas, entrevistas e da observação não participante realizada junto às crianças frequentadoras da Keka & Cia, a autora argumenta que brinquedotecas como essa atuam diretamente no desenvolvimento “físico-motor, socioemocional e cognitivo” (Kushano, 2007) das crianças.

Publicado em 2007, o artigo sublinha a incipiência dos estudos no campo do Turismo com e para crianças. Ao relacionar o turismo pedagógico ao familiar, a autora esboça um conceito de turismo infantil, cujos princípios são aprofundados em suas publicações posteriores (Kushano, 2013) (Kushano, 2023).

Como contribuição para ampliar o mencionado campo de pesquisa, o artigo apresenta quatro propostas a serem implementadas pela Brinquedoteca Keka & Companhia, como uma forma de expandir seu campo de atuação, relacionando suas atividades ao turismo.

O artigo **“Memórias afetivas na infância e seu impacto na formação do turista”** (Rocha; Bezerra; Fragoso; Duarte, 2022) aborda as memórias constituídas na infância e propõe, nesse sentido e por meio de uma pesquisa em forma de questionário, entender como as memórias de viagens realizadas nessa fase da vida influenciam as escolhas turísticas dos indivíduos em idade adulta.

A partir da ideia, então, de que a experiência proporcionada por um lugar turístico constitui um componente importante no desempenho de um destino, a pesquisa apresenta diversos autores cujos recentes estudos demonstram a relação entre o turismo de experiência e a memória afetiva dos indivíduos. Entre esses autores, estão Phoebe Everingham, Pau Obrador e Hazel Tucker, com seu artigo de 2021; May Kristin Vespestad, Frank Lindberg e Lena Mossberg, com sua publicação de 2019; Leandro Tonetto, Fabricio Tarouco e Filipe Costa, com seu trabalho de 2018; e Leopold Lucas, com seu artigo de 2019.

O artigo em análise está fundamentado na noção de “memória coletiva”, proposta por Maurice Halbwachs, que concebe a formação dessa memória como uma composição arranjada a partir de múltiplos fragmentos individuais em permanente ressignificação. Ao discutirem os estudos “A infância como construção social”, de Pinto, de 1997; “A influência dos filhos no processo de decisão de compra e consumo alimentar das famílias”, de Wilson Ravelli Elizeu Maciel, Dario de Oliveira Lima-Filho, Filipe Quevedo-Silva e Leandro Sauer (2018); e de Ariès (1981), os autores do artigo buscaram demonstrar as maneiras pelas quais a ideia de infância foi se transformando, ao longo do tempo, até alcançar a concepção contemporânea, associada ao consumo e a um protagonismo infantil na escolha por destinos turísticos.

A pesquisa proposta pelo artigo foi caracterizada como sendo de caráter exploratório e de abordagem qualitativa; ela revelou que a escolha de destinos turísticos, por parte dos adultos, tem relação direta com sua memória afetiva, seja ela individual ou coletiva. Em outros termos: o envolvimento sentimental que uma pessoa adulta tem com um local visitado em sua infância afeta sobremaneira as decisões dos destinos de viagem que ela escolhe.

Embora os artigos analisados até aqui trabalhem, de maneira geral, com os aspectos positivos da interface entre Turismo e infância, é preciso que voltemos a sublinhar a prevalência observada em nossas buscas daqueles que relacionam a atividade turística à exploração sexual de menores. Esse é um tema sensível que, há décadas, desperta o interesse de pesquisadores de dentro e de fora do Brasil. Os artigos sobre esse tema e que estão indexados na plataforma “Publicações de Turismo” revelam

uma multiplicidade de recortes temáticos e uma perenidade no que concerne tal assunto –, até porque, sobre essa última característica, mesmo pesquisas mais recentes ainda procuram discutir as alternativas para o enfrentamento do problema.

Com o propósito de oferecer uma amostra dos textos que encontramos em nossa busca e que examinam o tema, selecionamos dois artigos que o fazem – um publicado no Brasil e, outro, no México –, e eles serão analisados agora.

O texto **“La Explotación Sexual Comercial Infantil (ESCI) en el Turismo. Análisis del turismo sexual internacional que afecta a la niñez”** (González, 2005), escrito pela autora mexicana Laura A. Aguilar González, trabalha a questão da ESCI em uma perspectiva global. Publicado em 2005, é o mais antigo estudo sobre o tema dentre aqueles que também o abordam e estão indexados à plataforma pesquisada. As análises de González concentram-se nas primeiras ações de combate à ESCI, operadas no final da década de 1980 em âmbito mundial. Segundo a autora, a Convenção sobre os Direitos das Crianças, adotada em 1989 pelas Organização das Nações Unidas (ONU), foi pioneira em adotar, como um de seus focos, o combate e a prevenção à exploração sexual de menores praticada por turistas.

González sublinha que a atividade turística em si não é a causa da exploração sexual de menores, mas o meio pelo qual essa prática se propaga. E, embora o problema seja complexo, multidimensional e de difícil solução, o caminho para seu enfrentamento passaria pela desmistificação de que expor esse problema seria danoso para o destino turístico em que ele ocorre. Além disso, a autora defende que o combate à ESCI deve ser operado em conjunto com a sociedade civil organizada, as instituições governamentais e a iniciativa privada, setores responsáveis por prevenir e combater criminalmente a prática, educar os profissionais do turismo e alertar os viajantes sobre ela.

As ideias de expor esse problema e de que seu combate depende de uma ação conjunta capaz de reunir os poderes públicos e os diversos setores da sociedade civil reaparecem no artigo **“Turismo, ética e responsabilidade social com crianças e adolescentes”** (Campos, 2013). Neste artigo, as análises se detiveram mais à atuação do poder público federal brasileiro no que diz respeito às ações de prevenção e de enfrentamento à exploração sexual de crianças e adolescentes no turismo.

O texto se desenvolve a partir de três fundamentos: 1. a ideia de que universalidade dos direitos humanos se estende às crianças e adolescentes; 2. a compreensão de que a violação desses direitos, para que seja combatida,

precisa ser exposta e discutida pelos profissionais e empresas de turismo e 3. o entendimento de que a prevenção e o enfrentamento da exploração sexual de menores consiste em uma responsabilidade social compartilhada entre todos os participantes da cadeia produtiva do turismo.

Ao apresentar dados estatísticos acerca da exploração sexual de menores no Brasil e no mundo, o autor, Neio Campos, reconhece ser a assimetria socioeconômica um dos pilares desse problema. Em consonância com González (2005), ele expõe as maneiras pelas quais um conjunto de ações iniciadas na década de 1990 pelo poder público federal brasileiro tornou mais efetivo o combate à exploração sexual de menores no âmbito turístico; dentre essas ações, o autor destaca: Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Prostituição Infanto-Juvenil (iniciada em 1993); o Seminário das Américas, realizado em Brasília (1996); o programa de Turismo Sustentável e Infância (TSI) (2004); o III Congresso Mundial de Enfrentamento da Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes (2008); e o Projeto de Prevenção à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes no Turismo (2013).

A visibilidade que foi conferida à questão por meio de discussões públicas e, ao mesmo tempo, por meio do oferecimento de informações acerca das ações e protocolos de combate à exploração sexual de menores no Turismo, seriam, de acordo com Campos, as medidas primordiais para a prevenção e o enfrentamento do problema. Embora o artigo assinale os profundos impactos psíquicos do abuso infantil na vida adulta, reconheça a complexidade desse problema no contexto turístico e perceba suas relações com o crime organizado, ele não oferece contribuições mais consistentes e atualizadas em relação a um efetivo combate a esse problema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na área do Turismo, a infância tem a nos dizer que precisamos olhar as crianças e suas infâncias de modo holístico, visando sua integridade física e mental – mas também, e sobretudo, sempre nos atentando a lhes proporcionar momentos de lazer e turismo agradáveis e memoráveis –, sejam esses momentos junto das famílias, ou em atividades com demais crianças e educadores ou recreadores, por exemplo.

O fato de termos analisado, neste texto, artigos sobre as contribuições transdisciplinares entre Turismo e infância e eles terem enfoques em diferentes áreas já ressalta, por si só, a importância de se ter um olhar transdisciplinar para a infância e, também, para o Turismo.

Como procuramos expor, boa parte das produções acadêmicas apresentadas neste artigo tratam dos aspectos mercadológicos do turismo infantil,

ressaltando os benefícios econômicos e o papel decisório das crianças na escolha do destino e/ou atrativo turístico. São poucas as publicações que problematizam as questões éticas ligadas ao estímulo do consumo infantil e seus impactos no brincar e nas culturas das infâncias no âmbito da criança enquanto turista e anfitriã.

A análise dos artigos publicados também revelou que, embora existam pesquisas cujo ponto de partida seja a escuta qualificada da opinião das crianças acerca de como percebem o turismo, essas pesquisas não predominaram entre os textos selecionados. Em contrapartida, os poucos estudos realizados por meio do contato direto com crianças, cuja metodologia incluiu a aplicação de entrevistas e a produção de desenhos, revelaram que elas apresentam uma clara consciência dos impactos do turismo em seus territórios, assim como uma apurada percepção de suas necessidades e preferências enquanto turistas.

Ainda entre os artigos que têm as crianças como protagonistas, são raras as análises que tratam de temas sensíveis, como a exploração sexual de menores pelo Turismo. Em geral, as publicações dedicadas à questão se debruçam sobre quais são as ações de combate ao crime de exploração sexual, como tais ações são executadas pelos poderes públicos e de que maneira setores da sociedade civil podem contribuir para a construção de uma política de combate a exploração sexual de menores. Consideramos razoável que os limites impostos por procedimentos éticos de pesquisa protejam as crianças e os adolescentes expostos a contextos exploratórios; todavia, ao deixarmos de ouvir esses indivíduos, silenciemos em relação à forma como a exploração sexual decorrente do turismo opera individualmente e deixamos de discutir quais são seus impactos na vida daqueles que são enredados nesse crime.

Em que pese o fato de muitos dos artigos analisados não apresentarem a compreensão dos autores sobre crianças e suas infâncias, há de se notar um fator positivo nos estudos, que dão visibilidade aos turistas e comunidades locais mirins.

É preciso que haja mais pesquisas na área da Economia, da Sociologia, da Geografia, da História, bem como nos próprios estudos dos Fundamentos do Turismo e da Hospitalidade, que, ao dialogarem em prol das crianças e suas infâncias, contribuam para que tenhamos mais clareza em como planejar e gerir – de forma sustentável, ética e responsiva – o Turismo.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Tradução: Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- CAMPOS, I. R.; OCHOA, H. R. Turismo social en Barcelona: ¿mecanismo de inclusión de la infancia? *ARA: Revista de Investigación en Turismo*, v. 11, n. 1, 2021, p. 1-14. Disponível em: <https://raco.cat/index.php/ARA/article/view/391401>. Acesso em: 9 jan. 2025.
- CAMPOS, N. Turismo, ética e responsabilidade social com crianças e adolescentes. *Cenário*, Brasília, v.1, n.1, p. 46-55, dez. 2013.
- CARNEIRO, M. M. C.; VELOSO, A. R.; FERRAZ, S. B.; CAMPOMAR, M. C. Os atributos valorizados por crianças e adolescentes na escolha de destinos turísticos. *Turismo: Visão e Ação*, v. 17, n. 2, p. 475-507, mai./ago. 2015. Disponível em: <https://periodicos.univali.br/index.php/rtva/article/view/7960>. Acesso em: 9 jan.2025.
- CERIBELI, H. B.; CAMPOS, A. A. Produtos e serviços turísticos para a criança ofertados nos hotéis de Ouro Preto – MG. *Revista de Turismo Contemporâneo*, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 232-250, 2018. DOI: 10.21680/2357-8211.2018v6n2ID13676. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/turismocontemporaneo/article/view/13676>. Acesso em: 9 jan. 2025.
- COHN, C. *Antropologia da criança*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- DEL PRIORE, Mary (org.). *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000.
- DUARTE, R.; ROCHA BÍSCARO, V.; PRAIA JUNIOR, J.; EDUARDO DE OLIVEIRA SANTOS, G. Consumo turístico de famílias brasileiras com crianças e idosos. *Cenário: Revista Interdisciplinar em Turismo e Território*, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 43–60, 2024. DOI: 10.26512/rev.cenario.v11i2.45813. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistacenario/article/view/45813>. Acesso em: 9 jan. 2025.
- FAZOLIN, M. A. F. de G.; MERCADANTE, L.A.; GRANDO, P.G. Fomentando a educação não formal no lazer e recreação em hotéis. *LICERE*, Belo Horizonte, v. 18, n. 4, dez. 2015.
- GODOY, F. A.; CARVALHO, L. D. Participação infantil. In: CARVALHO, L. D.; BIZZOTTO, L. M. (org.) *A criança e a cidade: participação infantil na construção de políticas públicas*. Belo Horizonte: UFMG/FaE/NEIPEI/TEIA, 2022.
- GONZÁLEZ, L.A.A. La Explotación Sexual Comercial Infantil (ESCI) en el Turismo. Análisis del turismo sexual internacional que afecta a la niñez. *PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, v. 3, n.1, p. 207-210, 2005.
- HEYWOOD, C. *Uma história da infância: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

- IRIBARRY, I. N. Aproximações sobre a transdisciplinaridade: algumas linhas históricas, fundamentos e princípios aplicados ao trabalho de equipe. *Psicologia Reflexão e Crítica*, v. 16 n. 3, p. 483-490, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/i/2003.v16n3/>. Acesso em: 9 jan. 2025.
- KUHLMANN JÚNIOR, M.; FERNANDES, R. Sobre a história da infância. In: FARIA FILHO, L. M. (org.). *A infância e sua educação: materiais, práticas e representações* (Portugal e Brasil). Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- KUSHANO, E. S. Produção cultural e turismo na infância – um olhar para a Brinquedoteca Keka & Companhia, Itabuna, Bahia. *Caderno Virtual de Turismo*, [S. l.], v. 7, n. 3, 2008. Disponível em: <https://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/article/view/207>. Acesso em: 9 jan. 2025.
- KUSHANO, E. S. Turismo Infantil: uma proposta conceitual. *Turismo e Sociedade*, [S. l.], v. 6, n. 1, 2013. DOI: 10.5380/tes.v6i1.28094. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/turismo/article/view/28094>. Acesso em: 9 jan. 2025.
- KUSHANO, E. S. *Turismo e infância*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023.
- LOPES, J. J. M. Geografia da Infância: contribuições aos estudos das crianças e suas infâncias. *Revista de Educação Pública*, [S. l.], v. 22, n. 49/1, p. 283-294, 2013. DOI: 10.29286/rep.v22i49/1.915. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/915>. Acesso em: 10 jan. 2025.
- LOPES, J. J. M. Geografia das Crianças, Geografias das Infâncias: as contribuições da Geografia para os estudos das crianças e suas infâncias. *Revista Contexto & Educação*, [S. l.], v. 23, n. 79, p. 65-82, 2013. DOI: 10.21527/2179-1309.2008.79.65-82. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/1052>. Acesso em: 9 jan. 2025.
- LOPES, J. J. M.; VASCONCELOS, T. Geografia da Infância: Territorialidades Infantis. *Currículo sem Fronteiras*, v. 6, n. 1, p. 103-127, jan./jun. 2006.
- MEAD, M. *Coming of age in Samoa: a psychological study of primitive youth for western civilization*, Harmondsworth: Penguin Books, 1981.
- MEAD, M. *Sexo e temperamento em três sociedades primitivas*. Tradução: Rosa R. Krausz. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- MONTEERRUBIO, C.J.C.; GARCÍA, M. Percepciones de la comunidad local infantil en Huatulco, México. Un acercamiento al estudio del cambio sociocultural asociado al turismo. *El Periplo Sustentable*, [S.l.], n. 20, p. 149-185, 2011. ISSN 1870-9036. Disponível em: <<https://rperiplo.uaemex.mx/article/view/5023>>. Acesso em: 9 jan. 2025.
- OLIVEIRA, L. G de; KUSHANO, E. S. Turismo e ilheidade: o olhar de crianças residentes da vila de encantadas, na Ilha do Mel (Paranaguá - PR). Cenário: Revista Interdisciplinar em Turismo e Território, Brasília, v.7, n.12, p. 25-41, ago. 2019.

- PIOLA, F. G.; ANDRADE, D. C. G.; KUSHANO, E. S. Etnografia e Turismo: um estudo das percepções e sentimentos de crianças residentes na Ilha do Mel – PR. *Applied Tourism*, v. 3, n. 2, p. 1-35, 2018. DOI: 10.14210/at.v3n2.p01-35. Disponível em: <https://periodicos.univali.br/index.php/ijth/article/view/13232>. Acesso em: 12 jan. 2025.
- POSTMAN, N. *O desaparecimento da infância*. Tradução: Suzana Menescal de Alencar Carvalho e José Laurenio de Melo. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.
- ROCHA, M. C. V. da; BEZERRA, F. E. O., A.; FRAGOSO, P. A. D.; DUARTE, A. L. F. Memórias afetivas na infância e seu impacto na formação do turista. *Revista Eletrônica de Administração e Turismo (ReAT)*, v. 16, n. 2, p. 38-60, jul./dez. 2022. DOI: 10.15210/reat.v16i2.1774. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/AT/issue/view/1100>. Acesso em: 9 jan.2025.
- SARMENTO, M. J. A Sociologia da Infância e a sociedade contemporânea: desafios conceituais e praxeológicos. In: SARMENTO, M. J. *Sociologia da Infância e a formação de professores*. Curitiba: Champagnat Editora (PUCPR), 2013a. p. 13-46.
- SARMENTO, M. J. *Seminário em Sociologia da Infância*. Aula proferida no Programa de Doutorado em Estudos da Criança. Universidade do Minho, *campus* de Braga, Portugal, 2013b. Notas de aula.